

Jogo da Imitação:

Manu:

Regina Elias ou Soberana Ziza (nome com que assina suas obras), é uma artista que expõem suas obras em galerias e intervenções urbanas. Sua estética é a representação da negritude e do feminino.

DESAFIO:

Para você, leitor, um desafio:

Abaixo, duas obras. Uma feita por Regina Elias e outra modificada por IA (inteligência artificial).

Utilize do que acabou de conhecer sobre a artista e tente descobrir qual obra é a original.

E aí, será que você vai ser capaz de vencer a inteligência artificial ou ela te vencerá?

A)



B)



Entrevista:

Oportunidade para liderar

Miguel Bogoni tem 27 anos e é gerente de uma empresa bancária de uma cooperativa de crédito. Está no LEO Clube faz 10 anos, agora em setembro; na semana que vem, por sinal, completa 10 anos de associado. Na época, foi convidado por um guri que hoje já é companheiro Leão. Foi na época que ele tinha recém saído do Ensino médio, uma fase e um modo completamente diferente de ver as coisas, mas com muita evolução nesse tempo todo e com uma maturidade que foi se criando.

Durante esse tempo, mudou-se de Sananduva para Passo Fundo, depois voltou para Sananduva, depois foi morar em outras cidades a trabalho; mas mesmo com todas essas adversidades, sempre participou ativamente do LEO.

Você acredita que há de fato representatividade dentro do movimento LEO Clube?

Com certeza! Se a gente for... se a gente for imaginar, a representatividade de todos os perfis, seja de pessoas que estão iniciando a vida na adolescência, temos dentro movimento do pré-adolescente, quase com doze anos. Ele faz o ensino médio daí depois faz a faculdade, então, ele vai para uma pós graduação, pode fazer um mestrado... e ainda estar dentro do LEO. A nossa faixa etária na verdade é de doze até trinta, pra trinta e um praticamente, isso faz com que tenha essa representatividade de todos os perfis, daquele jovem que ta iniciando, já que é um movimento que serve muito pra ajudar ele nessa incerção ao mercado de trabalho, pra ajudar ele a se desenvolver e perder a vergonha e muitas vezes o medo de falar em grupo. Como vice-presidente distrital, de que você poderia atuar para promover ainda mais a representatividade dentro do LEO clube?

[pensando] Olha a atuação de qualquer pessoa de linha de frente, digamos né, de diretoria, a pessoa que tá na frente [pausa] de uma entidade, de um clube de serviço, de algum, algum...

trabalho de movimento de pessoas, ela tem que ter a mente aberta principalmente, e trabalhar com o melhor de cada um. Saber perceber que vai ter a pessoa mais imatura, a pessoa que é mais boa de conversa, a que é mais inibida, tímida mas boa de fala... Então o líder na verdade precisa ter esse olhar clínico e perceber que se você trabalha com dez pessoas, não vão ser todas as dez iguais, se for cinquenta, não vão ser as cinquenta iguais; se

for os 35 clubes não vão ser nenhum igual ao outro e se for mil jovens é impossível ter essa igualdade, então saber respeitar todos esses perfis [pausa] e saber dar espaço para todo mundo "trabaiá" [riso]. Eu quanto, gabinete distrital, como [pausa] vice-presidente, à frente, quando eu for montar meu gabinete, no próximo AL (Ano Leoístico), vou olhar, provavelmente escolher pessoas que tem afinidade com aquela área, sabe... deixar o pessoal a vontade pra trabalhar com aquilo que mais gostam e que mais se conectam. Então, eu acho que o líder tem

esse papel de enxergar cada pessoa, cada perfil e não é demérito, a pessoa não ser boa, por exemplo, matemática, ela pode ser melhor em português, mesma coisa numa empresa ou num clube serviço como é o LEO, precisamos olhar e perceber qual é o perfil da pessoa, com quem estamos trabalhando e depois ocupar ela no melhor espaço dela né.

Quais são as principais barreiras/desafios enfrentados pela busca da representatividade dentro do LEO?

O desafio é olhar justamente com esse olhar que eu falei para vocês, de mente aberta e perceber que precisamos de todo mundo e não selecionar sempre os mesmos perfis, né? [risada moderada] Porque é muito natural, você ser amigo de uma pessoa que gosta dos mesmos gostos que você. Quando falamos de amizade a gente gosta de sair com pessoas que tem o perfil similar aos nossos gostos, só que no movimento, o que é o nosso caso, precisamos abranger, precisa somar com seus perfis diferentes. A barreira é justamente depois que a pessoa é convidada, que está no cargo, que aceita a se incluir, dar o seu 50%, 50% da oportunidade, e 50% da pessoa se desempenhar, dar o seu melhor, se dedicar, abrir mão de algumas coisas para priorizar outras, e isso é um ponto importante, porque daí, 50% é de quem lidera e 50% de quem é liderado, para que a coisa aconteça de verdade.

Quais estratégias você pode adotar para garantir, que todas as ideias/opiniões dos companheiros sejam ouvidas?

Então assim ó [pensando] é muito difícil [risos] porque sempre... tenta agradar e vai desagradar e vai ser impopular em algum momento da decisão... mas ao máximo possível, que a gente precisa, por exemplo, no nosso distrito, por isso que é bom a gente pegar pessoas das quatro regiões, que tenham uma visão diferente, um perfil diferente, uma visão diferente de LEO, e aí, juntar maturidade, experiência, com juventude, com aquele que vem mais novo de outro clube, mais novo de movimento e possa também ter a vontade, até mesmo ter um tempo disponível, em algum momento, então a estratégia passa muito por isso, por esse balanço, por não ser um total de dez coisas iguais, nesse exemplo, então acho que a estratégia aqui importante é de planejar algo diversificado, que conte com as quatro regiões no nosso distrito e possa ser abrangente, possa somar, que aí eu não posso ter a visão de tudo, sozinho o líder não é nada e ele precisa ter pessoas que ajudem ele a fazer as coisas, a questão de gerência traz muito isso, sabe? No dia-a-dia de trabalho, precisamos montar um time, ser um bom facilitador, dar um caminho e muitas vezes deixar as pessoas trabalharem. Eu não posso escolher que a tesouraria faça do jeito que eu quero, que a secretaria faça do jeito que eu quero, que um diretor de arte e cultura faça do meu jeito [pausa] eu preciso dar espaço para que as ideias se tornem realidade, e possam agregar. Se for tudo com os meus olhos, muitas vezes, vamos ter um ponto cego aqui, mas também o líder tem que dar uma filtrada, porque a ideia é maravilhosa mas não é prática, então o líder tem esse papel de aconselhador mas também de filtro.

Como que você acha pode incentivar a participação ativa de todos os membros do LEO CLUBE, independentemente das suas origens e características pessoais?

Primeiro, pelo exemplo. O pessoal vê a gente fazendo também a pessoa se motiva, porque uma coisa é ela receber um manual “o que é o LEO clube” e aí vou lá pro meu clube e não vejo meu clube fazendo, aí vou lá pra minha campanha não vejo o clube fazendo aquilo, então o exemplo é muito importante pra fazer que isso aconteça. Esse espaço aberto de ideias é importante também, não temos que escutar só os mais velhos “ah, o mais velho falou, acabou!”, tem aquele momento que “ah, os novinhos não podem contribuir em nada, não podem ler uma instrução, não pode coordenar uma campanha”, se isso acontecer se for sempre os mesmos, só a diretoria, só o ‘copeiro’ que já foi presidente, só aquilo acontecer você também não retém pessoas, talentos. Aqui se precisa dar voz, dar espaço para que todo mundo possa se sentir útil para que possa continuar no movimento, se enxergar conectado a

isso, então, eu preciso como líder, dar esse espaço para a pessoa se sentir valorizada, que seja nos pequenos detalhes, numa conversa em grupo que não seja aquela panelinha que fique tirando os mais novinhos do meio, ou só os novinhos e os mais velhos excluídos, ninguém se escuta, ninguém respeita ou ninguém 'da bola', a gente precisa entender isso. como líder, tenho esse papel, seja num clube, seja numa escola, lá no LEO a gente tem que fazer esse perfil de conciliação.

Agora para finalizar, você acredita que essas representatividades, lideranças, desempenham um bom papel na sociedade e que realmente vale a pena? que possuem um impacto na sociedade de fato?

[pensa] com certeza! além de eu achar isso, tenho certeza que essas 1.100 pessoas que participam, elas também enxergam isso. se estamos em um lugar, e não enxergamos, nós não vamos pra frente, no exemplo de uma escola digamos, a mensalidade está cara e não vejo resultados algo está errado, ninguém continua naquilo, a pessoa vai desistir de participar, e assim é no LEO. mas assim, acho que faz total diferença, se não, não teríamos motivo de viajar para eventos, acordar cedo em um dia frio pra fazer uma campanha, nas férias dedicar tempo para ficar 15/20 dias fazendo ações para o bem das pessoas, pensando apenas no bem. eu acredito que todo mundo ali faz as coisas pelo bem, e acredito na intenção das pessoas em doarem o melhor delas, por isso tenho 100% de certeza que o LEO clube faz a diferença, a intenção é sempre fazer o melhor, às vezes não sai nota 10 mas sempre é nas melhores das intenções, tenho certeza que faz a diferença. mais de 1000 pessoas nessas 35 cidades não estariam usando com orgulho uma camisa com a logo do LEO, seja uma criança de 12 ou um adulto de 30, tem algo que dá certo, isso é uma coisa nossa muito bonita. e agora no geral, pra mim uma frase que define o LEO, é "a oportunidade de fazer a diferença", seja para nós mesmos como para os outros, então o LEO é esse movimento magnífico, que faz a diferença para quem participa, mas muito mais pra sociedade.

Memes:



Quando um homem fala que as mulheres não tem representatividade



Nota Nicolý:

A representatividade cultural presente no IFsul câmpus Passo Fundo durante a semana farroupilha!

Na segunda-feira do dia 18/09/2023 foi realizada a 6ª semana farroupilha no câmpus Passo Fundo, com uma programação farta de apresentações culturais, comidas típicas entre outros. Foi um dia lindo, onde os estudantes e servidores puderam curtir essa nossa cultura para lá de especial!

As fotos e vídeos desse baita evento você encontra nas redes sociais do IFsul câmpus Passo Fundo.

(redes sociais)

Nota Manu:

AutoMulher: Oficina Automotiva

Em virtude do Dia Internacional da Mulher, o IFSul Passo Fundo promoveu, no dia 08 de março de 2023, uma oficina de Mecânica automotiva para mulheres, com o intuito de fornecer às condutoras conhecimentos fundamentais para que pudessem lidar com problemas comuns em seus veículos.

Na oportunidade, foram reunidas 24 mulheres no miniauditório do Câmpus.

Nota Maria:

NUGED um novo começo

Em março de 2019, foi inaugurado no campus IFSul passo fundo, o Núcleo de gênero e diversidade sexual (NUGED). Este núcleo é responsável pelo desenvolvimento de ações de promoção dos direitos da mulher e de todo um elenco que compõe o universo da diversidade sexual, estando instituído em cada câmpus à Direção-geral equivalente e, na reitoria, vinculado ao Gabinete do Reitor tendo regulamento aprovado pela Resolução CONSUP/IFSul nº 085 de 29 de novembro de 2021.

Nota Be:

Jovens no esporte

No dia 28/08/2023, foi realizado o Primeiro Torneio do IFSul Câmpus Passo Fundo, O evento contou com jogos de vôlei de areia nas modalidades masculino, feminino, além de futevôlei na modalidade livre.

O evento iniciou as 8 horas e foi realizado no Beach Club. Para participar foram convidados: alunos, professores e TAEs.

Texto principal:

Participação dos jovens na política

Conforme inciso II, §1º do art. 14 da Constituição Federal, jovens de 16 e 17 anos possuem o direito ao voto facultativo. Assim, eles têm o poder de escolha se irão votar ou não. Essa lei foi introduzida somente em 1988, após a ditadura militar no Brasil, como parte do processo de redemocratização e da inclusão de mais grupos sociais na política.

Nas primeiras eleições após esse decreto, o número de jovens que compareceram às urnas foi significativo: em 1992, foi de 3,2 milhões. Todavia, como o impeachment do então presidente Fernando Collor, o engajamento dos jovens entrou em decadência. Nas eleições de 1994, a participação jovem caiu para 1,1 milhão de eleitores.

A partir desta queda, os dados não se mantiveram estáveis. Um crescimento da participação jovem em um momento, uma diminuição no outro. Porém, algo está sempre presente: os números de jovens eleitores são sempre extremamente baixos. De acordo com dados do TSE, se realizada uma estatística de todas as eleições desde 1990, os jovens representaram de 1,5% a 2,5% de todo o eleitorado nacional.

Em 2022, após múltiplas campanhas governamentais de incentivo à participação jovem nas eleições, 2.530.875 pessoas de 16 a 18 anos tiraram seu título de eleitor. Na realidade, esse número quase dobrou desde 2018, mas ainda é relativamente baixo, considerando que somente 1,7 milhões, de fato, foram às urnas.

Principais causa da baixa participação da juventude

Com esses dados, é perceptível que os jovens estão cada vez menos interessados na política. Mas por que isso ocorre? Veja os principais pontos indicados por especialistas no assunto:

Corrupção histórica e desconfiança no sistema

Grande parte da população brasileira caracteriza o cenário político do país pela corrupção, especialmente os mais novos. Conseqüentemente, estes começam a se desinteressar pelo assunto, já que inicia-se um processo de dissociação da política como um exercício de cidadania, mas sim como algo sem propósito.

Polarização Política

Atualmente, a divergência entre os ideais políticos no Brasil está cada vez maior. A política se tornou um tema polêmico, um gerador de conflito nas casas e escolas. Com isso, os jovens preferem se distanciar da questão, com medo de serem recriminados por suas escolhas políticas. A polarização política os afasta das discussões, das urnas e da democracia.

Ausência de uma formação escolar

Na escola, você tinha aulas relacionadas à política no currículo? No sistema educacional brasileiro, elas são extremamente raras, especialmente no ensino público. Sem educação política, o envolvimento das crianças e adolescentes com o assunto é quase inviável. Como eles vão se interessar por política se nem foram ensinados sobre seus conceitos básicos?

Falta de representatividade jovem na política

Como mencionado, a representatividade dos jovens no espaço político é praticamente nulo. O presidente mais novo do Brasil foi Fernando Collor em 1990, de 40 anos, um dos que mais engajou os jovens na política. Nos dias atuais, não há prefeitos com menos de 40 anos nas principais capitais brasileiras.

O envelhecimento dos líderes partidários, a incapacidade destes de incluir os jovens no seu governo e atender os seus interesses os afasta desse espaço de discussão. De acordo com Marcela Prest, 33, candidata à prefeita mais jovem na cidade de Feira de Santana, é esse modelo de política tradicional e conservadora que exclui, mesmo que indiretamente, os jovens do processo democrático brasileiro.

Editorial Be:

Nos últimos anos, testemunhamos avanços significativos na luta pela igualdade de direitos e aceitação da comunidade LGBTQIA+ em todo o mundo. Uma das transformações mais inspiradoras é a crescente representatividade dessa comunidade, principalmente pelos jovens. Esta tendência positiva é apoiada por dados de organizações confiáveis e reforçada pelas vozes de figuras públicas que usam sua influência para promover a diversidade e a inclusão.

De acordo com o Instituto Williams, que se dedica à pesquisas sobre questões LGBTQIA+, cerca de 20% dos jovens americanos se identificam como parte da comunidade. Isso representa um aumento notável em comparação com gerações passadas e demonstra que a juventude está se tornando cada vez mais consciente de sua identidade sexual e de gênero.

A representatividade jovem é fundamental, pois esses estão liderando a mudança em direção a uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A ativista LGBTQIA+ e estrela de televisão Laverne Cox, afirmou: "A representatividade é importante porque, quando você não vê alguém como você em posições de poder e influência, você começa a pensar que não é digno de estar lá". O acesso a modelos a seguir é essencial para que os jovens LGBTQIA+ se sintam validados e percebam que são capazes de conquistar seus objetivos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

No entanto, é importante reconhecer que, apesar do progresso, ainda existem desafios significativos que exigem atenção contínua a serem superados, como a violência contra pessoas LGBTQIA+, a discriminação nas escolas e nos locais de trabalho e a falta de acesso a cuidados de saúde adequados. Laverne Cox também observou: "Nós vemos uma representatividade crescente, mas isso não significa automaticamente que a vida das pessoas está melhorando".

texto livre

Manu:

Por: Guilherme Gobato

Sócio-fundador e Consultor pela Diálogos Entre Nós | Diversidade e Inclusão

18 fevereiro, 2021 • 12:20

Olhar-se no espelho é, para além de vermos uma imagem refletida, deparar-nos com algo que nos é semelhante, que representa nosso exterior e que nos aproxima (ou mesmo nos distancia, em certos casos) do que a sociedade inicialmente pode perceber sobre nós mesmos.

Imaginemos olharmos para as imagens que nos cercam no mundo e percebermos que não se assemelham, não dialogam conosco, tampouco nos representam. Do que estou falando? Meu convite é para pensarmos em representatividade como pilar estratégico para inclusão de diversidades.

Para tanto, pensemos quantas grandes obras de arte da história da humanidade trazem a imagem de pessoas negras como centro de suas representações? Indo um pouco mais além, como mulheres negras em particular são representadas? E quantas pintoras negras, na atualidade, têm seus trabalhos reconhecidos? Neste sentido, ressignificarmos nossos olhares diante de padrões históricos eurocentrados é, fundamentalmente, questionarmos desigualdades socialmente construídas com as quais convivemos ainda hoje.

Meu olhar em artes foi repensado quando tive contato com algumas das releituras da artista cubano-americana Harmonia Rosales. Ela defende a importância de jovens negras sentirem-se representadas em grandes obras e retrata mulheres negras onde originalmente encontram-se apenas pessoas brancas. Destaco duas de suas obras: 'O Nascimento de Oxum', em alusão ao clássico 'O Nascimento de Vênus', de Botticelli; e 'A criação de Deus', em referência ao afresco pintado por Michelangelo, 'A criação de Adão'.

Logo, representatividade, quando se fala em inclusão de diversidades, é algo fundamental para espelhamos a demografia de nossa sociedade nos amplos espaços de poder que frequentamos. Pensemos quantas mulheres estão em posição de liderança, seja na esfera privada seja na pública, e qual a parcela que corresponde a mulheres negras e indígenas. Sobre isso, aliás, vale destacar aqui a notícia recente da nigeriana Ngozi Okonjo-Iweala, a primeira mulher, negra e africana a dirigir a Organização Mundial do Comércio (OMC). Um passo importante para o tema da representatividade e que reforça o quão importante esse conceito é. Mais do que isso, reforça o quanto outros grupos são sub-representados, afinal quantas pessoas trans, por exemplo, participam com igualdade de oportunidades dos acessos sociais que pessoas cisgêneras usufruem com mais facilidade? E pessoas com deficiência, quantas? E a diversidade geracional, religiosa, cultural, como tudo isso está na foto?